

LUGAR E CULTURA: a produção da vida no Careiro da Várzea-AM

Amélia Regina Batista NOGUEIRA*
Universidade Federal do Amazonas

Resumo

Este trabalho é resultado de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas. Tivemos como proposição desvendar um outro Amazonas, fugindo de uma representação dada pela forte imagem da natureza, ressaltando que os lugares são produtos da existência humana. O lugar foi por nós tratado como lugar de produção da vida. Para compreender melhor este lugar chamado Careiro da Várzea, levamos em conta o que diz aquele que o experiencia; como os homens que aí vivem e representam seus lugares. Procuramos a 'geograficidade' dos homens, mulheres e crianças de cada comunidade que compõe este município.

Palavras-chave: Lugar, Cultura, Representação.

Abstract

This work is a result of a research financed by the Fundação de amparo à Pesquisa do Amazonas. Our goal was to find out a different Amazon, avoiding a strong representation of the nature, underlining that the places are a result of the human existence. Here, the place had been seen as a place of production of life. To understand the place called Careiro da Várzea better, we listened those who lives in it, for example the people who represent and live in it. We tried to reach the "geograficity" of men, women and children of each community that embrace this district.

Key-words: Place, Culture, Representation.

Como pesquisadores da área de geografia, ao propor fazer um estudo do lugar, classicamente deveríamos começar pela sua caracterização física e localização geográfica (latitude e longitude), ou ainda em outros debates este seria analisado a partir das relações sociais de produção, onde o lugar é entendido como reflexo do processo de globalização. Em nossa investigação fomos além da localização geográfica, no sentido da geometrização, embora não a tenhamos ignorado procuramos superar o lugar enquanto um ponto no mapa, também, mesmo entendendo o papel deste lugar no mundo das relações sociais de produção, priorizamos aqui a compreensão do lugar como reflexo das relações culturais, relações vividas e

experienciadas pelos homens que o habitam. Estamos buscando compreender o município de Careiro da Várzea não apenas como uma região envolvida por águas e solos que passam boa parte do ano submersa pela água, mas como mais um lugar de vida, onde os homens o produzem cotidianamente. Interpretamos suas paisagens não como forma a ser contemplada, mas como fruto da

“inserção do homem no mundo, lugar de um combate para a vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (DARDEL, 1990, p.45).

Nossas investigações têm-se pautado na proposição que pensa os homens dos lugares,

enquanto indivíduo, enquanto sujeito que está no mundo, portanto tem dele uma experiência própria, uma experiência de vida., como salienta Bourdieu

“o empreendimento científico se inspira na convicção de que não podemos capturar a lógica mais profunda do mundo social a não ser submergida nas particularidades de uma realidade empírica, historicamente situada e datada para construí-la como uma figura em um universo de configurações possíveis” (p. 15).

Esta proposição tornou-se mais clara para nós ao fazer uma leitura de Merleau-Ponty e nos depararmos com uma de suas reflexões a respeito do mundo, onde ele enfatiza que “o mundo é não aquele que penso, mas aquilo que eu vivo” (MERLEAU-PONTY, p.1). O lugar aqui foi compreendido na relação existencial entre homem e mundo. Estamos nos referendando na geografia que busca entender o lugar não apenas como localização, mas como fenômeno experienciado pelos homens que neles vivem. Como escreve Dardel (1990), fomos buscar aquele homem para quem

“a realidade geográfica é primeiramente aquela onde ele está o lugar de sua infância, o ambiente que lhe chama à sua presença.” (DARDEL, p. 43).

Buscamos fazer uma geografia do lugar que começa pelas experiências “pré-científicas”, pelas experiências de quem vive, percebe e constrói os lugares. Desejamos como Merleau-Ponty, pensar que

“todo universo da ciência é constituído

sob o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente o seu sentido e o seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual a ciência é a expressão segunda” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.19).

O lugar nesta investigação foi tratado como uma categoria de análise sob um olhar de

“uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas que é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre 'ali', antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico” (MERLEAU-PONTY, 1996, p.19).

É com esta visão de ciência que estamos olhando o habitat do Careiro da Várzea, interpretando as descrições e histórias dos lugares narradas por seus moradores como o conhecimento concreto do lugar, reconhecendo ser este, fruto de uma experientiação com ele interpretamos as informações dos moradores do Careiro da Várzea tal qual eles nos demonstramos. A descrição aqui ressaltada não foi apenas do sujeito que pesquisa, mas aquela de quem vive o fenômeno, nossa intenção foi restituir o vivido, descrevendo-o mais adequadamente possível. Nossa posição enquanto pesquisadores têm sido a de tentar, para melhor compreender, colocar-nos na posição daqueles que estão vivenciando o fenômeno no momento da descrição, como nos chamou atenção Relph ao afirmar

“é necessário excluir as crenças nas

explicações e considerações existentes e, igualmente, sobre nossos próprios preconceitos, e tentar colocar-nos na posição daqueles que estão experienciando o fenômeno". (RELPH, 1979.p.10).

A geografia do Careiro da Várzea que construímos se respaldado na perspectiva que deixa de priorizar a descrição do mundo físico e humano, para descrever o mundo vivido, onde estes elementos (físico/humano) são percebidos e interpretados pelos diversos sujeitos que os experienciam. Estes homens constroem saberes na inter-relação entre eles e o lugar, revelando uma "geograficidade" em cada sujeito,

"geograficidade refere-se às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas suas formas, refere-se ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais, que são as bases e recursos das habilidades do homem e para os quais há uma fixação existencial" (DARDEL, 1990).

Essa "geograficidade", só é possível na relação ser e mundo. O lugar interpretado para além de seus aspectos físicos, compreendido como lugar de vida. O lugar que vai sendo construído numa relação intersubjetiva entre o homem e ele.

Procuramos compreender o Careiro da Várzea como um lugar produzido no dia a dia na relação de trabalho, de afetividade, de rejeição, de circulação, de produção de idéias, etc. Partimos da experiência que os habitantes do Careiro da Várzea têm com seus rios, e suas florestas. Esta relação vai além do entendimento clássico da geografia de que o espaço tem uma dimensão geométrica, o lugar aqui é o espaço vivido do qual fala Merleau-

Ponty, que nada se assemelha ao ambiente real e lógico em que as coisas se dispõem, mas "o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível" (MERLEAU-PONTY, 1996, p.278). Desta forma o lugar não é o palco dos acontecimentos, mas o lugar que é construído a partir da experiência de vida de cada sujeito que o habita. Como o filósofo Merleau-Ponty, o geógrafo Dardel (1990), também criticou a matematização da ciência, a naturalização dos fenômenos humanos e enquanto geógrafo a geometrização do espaço; salientou que o

"(...) espaço concreto da geografia liberta-nos do espaço humano e infinito da geometria ou da astronomia; procurando compreender a relação existencial que liga o homem ao lugar".

É o lugar de existência, de vida que descrevemos ao interpretarmos a produção da vida no Careiro da Várzea. Uma imagem de uma Amazônia ribeirinha, que se perde ao longo de sua intensa floresta e corpos d'água. Nosso objetivo é de valorizar o conhecimento e representação que os habitantes do Careiro têm a respeito de seu lugar, lugar de moradia, de amizade, lugar de lazer, de mistérios, lugar de vida, resultado de sua experiência com ele.

A experiência da qual temos falado, será aqui percebida como conhecimento que antecipa a filosofia como bem coloca Merleau-Ponty;

"a partir do momento em que a experiência é reconhecida como o começo do conhecimento, não há mais nenhum meio de distinguir um plano das verdades a priori e um plano das verdades de fato, aquilo que o mundo deve ser e aquilo que o mundo efetivamente é" (MERLEAU-

PONTY,1996, p.182).

O mundo é, portanto, aquilo que eu experiencio e que é experienciado pelo outro. A experiência que nos é imposta é a que é adquirida pelos homens dos lugares ao longo de sua existência. Experiência como resultado da comunicação do homem com o mundo, onde homem/mundo constroem-se mutuamente. Estamos procurando rigorosamente descrever o que está sendo relatado pelos moradores do Careiro, sobre as histórias de suas comunidades, sua relação com a natureza do lugar, e como Merleau-Ponty nos ensina que é preciso reaprender a ver o mundo, nós estamos trabalhando com a idéia de que é preciso reaprender a ver o lugar, esta reaprendizagem se dá também a partir das histórias narradas pelos que vivem os lugares. Em nossa investigação, mundo vivido será sempre entendido como lugar, sendo, lugar de vida, lugar de existência, olharemos o lugar como fez Dardel (1990) ao nos chamar atenção para o fato de que,

“antes de mais nada, há esse 'lugar' que não escolhemos, onde as bases de nossa experiência mundana e de nossa condição humana se estabelece. Nós podemos trocar lugar, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar, precisamos de uma base para estabelecer nossa existência e realizar nossas possibilidades um aqui a partir do que descobrir o mundo, um acolá para o qual ir” (DARDEL,1990.p.56).

Careiro da Várzea e uma outra imagem da Amazônia

Começar a descrever qualquer lugar é tarefa árdua e nos enche de dúvidas, pois se não quisermos apenas pontuá-lo no mapa precisamos ter cuidado para que nossas

impressões não se sobreponham ao que este lugar realmente é. Especialmente quando se trata de um lugar que é representado pela sua característica natural, onde o rio e a floresta destacam-se como imagem predominante. Um lugar que é representado pelos seus mitos e lendas sustentados ao longo do tempo pelo imaginário popular.

Nossa interpretação sobre este lugar levou em conta, na descrição dos moradores, a sua relação simbólica com eles, onde os mistérios da água e da floresta se impõem no cotidiano dos moradores das comunidades espalhados no Careiro da Várzea.

Embora ao longo do trabalho tenhamos procurado moldar a representação que tínhamos do Careiro da Várzea, que se apresentava para nós como um lugar coberto por água, não podemos deixar de reconhecer que este é o fenômeno mais presente neste município, que pelas próprias características físicas faz com este fenômeno seja predominante e retrate a própria imagem do Careiro da Várzea.

O município do Careiro conforme indica seu atual nome Careiro da Várzea, foi sendo construído ao longo de um trecho de várzea do rio Solimões-Amazonas. (MAPA 1. EM ANEXO) Essa denominação foi adquirida, segundo informações de antigos moradores “por ter tido há muito tempo um comércio que pertencia a Francisco, morador daqui da Várzea, e que por vender tudo muito caro, a população estava sempre reclamando que “aqui é careiro”. Daí o nome. Há notícias, porém, que desde 1774 a região já era conhecida, e chamada pelos seus primitivos habitantes de Uaquiri. (STERNBERG, 1998).

A área de várzea ocupada por este município fica entre 10 e 25 quilômetros e

apresenta segundo Iriondo (1982) duas unidades geomorfológicas distintas;

1- Planície de bancos e meandros atuais – corresponde a faixa de sedimentos arenosos que o rio deposita através de migração lateral, ao sul e ao norte do canal durante a fase atual. Ocorrem tanto no rio principal (Solimões-Amazonas) como nos inúmeros braços (paraná), que formam ao longo de seu curso. Os bancos podem ter mais de 10 km de comprimento e largura que variam entre 100 e 200 metros.

2 - Depósito de inundação, áreas planas e homogêneas, com lagos e tamanhos diversos e canais irregulares muito pequenos, frequentemente colmatados. Sua origem está ligada ao processo de colmatação que ocorrem durante enchentes, com predomínio de sedimentação fina em ambientes tranquilos, fora da influência direta do canal (IRIONDO, 1982. p.329).

É neste lugar que as comunidades que aí se instalaram vão constituir suas vidas, suas histórias que transcorrem levando em conta essa dinâmica da natureza que apresenta durante todo o ano, duas paisagens, uma de vazante e outra da cheia. (FOTOS 1 e 2)

O Careiro da Várzea tem sua sede do município a uma distância de Manaus, partindo do ponto principal, o porto flutuante do Roadway e dependendo da potência do motor do barco, aproximadamente de uma hora. O que significa em termos de circulação pelo rio Amazonas ter percorrido uma distância cerca de 20 km “rio abaixo”. No Careiro da Várzea ao se falar de distância, seus moradores, sobretudo os comandantes de embarcações desta região, para quem o rio é sua estrada, reportam-se sempre ao tempo percorrido. Segundo o comandante do Barco

Maria de Nazaré morador do Paraná do Careiro (Careiro da Várzea)

“é difícil calcular, nós não vamos em linha reta, tem dias que paramos muito, aí demora mais, outros dias quando não tem muita gente ou bagulho, chegamos mais cedo”.

Merleau-Ponty já nos chamava atenção para sua forma de encarar a questão da distância. Argumentava que

“além da distância física, geométrica, que existe entre mim e todas as coisas, uma distância vivida me liga as coisas que contam e existem para mim, e os liga entre si” (Merleau-Ponty. 1996 p.146).

Para os moradores do Careiro da Várzea a distância é descrita levando em conta o tempo que se leva para chegar que será maior ou menor dependendo do que acontecerá no percurso, sua chegada pode ser interrompida por um vizinho que “acena” para o barco e pede carona, por outro que manda um “recado”, um outro que quer ir até a próxima comunidade para apenas conversar “um pouco”. Além do que no período da vazante a circulação fica mais difícil, alguns paranás não “dão passagem”, secam tornando difícil o barco/motor entrar nele. Nesta relação solidária o Careiro da Várzea vai sendo construído.

O Careiro da Várzea, no período das cheias tem cerca de 80% de sua área inundada, pois o município está todo distribuído às margens do rio Solimões-Amazonas, localizando-se logo abaixo da confluência dos dois mais destacados representantes da rede hidrográfica do Estado, Rio Negro, rios das

águas pretas, e o Rio Solimões, rio das águas claras, barrentas, logo abaixo do encontro das águas ou após o “rebojo” como indicam os moradores e as populações ribeirinhas. Segundo os moradores do Careiro o rebojo é um redemoinho causado pela força da água. Onde tem rebojo, dizem eles, “é muito profundo e muito perigoso”, segundo Raimundo Moraes (1931), estudioso da Amazônia, o rebojo

“é uma espécie de funil d'água que a corrente abre sobre cabeças de pedra, tronco de árvores fincadas no álveo ou nos encontros de caudas na confluência dos rios”.

Como podemos perceber a descrição dos moradores que nada tem de preocupação científica, traz informações que irão ao encontro das conclusões de Moraes que já sistematizou dando-lhe um caráter técnico. Os moradores apreendem estes fenômenos com a vida, com a sua inserção na natureza.

Além de inúmeros lagos, a região possui várias ilhas que se alongam no sentido da corrente dos rios Solimões-Amazonas dividindo-o, segundo Sternberg (1998) em dois ou três canais. Observou Sternberg que o

“alteamento das bordas dá as ilhas perfil característico, qual o de um prato, em cujo centro se acomoda lagos mais ou menos rasos de perímetro rendilhado, que retraem na vazante e se dilatam com a ascensão das águas”.

O Careiro da Várzea mantém em seus 2.642 km quadrados, a maior ilha da região, a Ilha do Careiro, que tem uma extensão de 738 km quadrados, sendo habitada por boa parte da população careirense. A Ilha é

intermitentemente inundada, possuindo por trás de suas margens sessenta e dois lagos, todos áreas de pesca (MAPA 02).

Essas grandes ilhas dão origem aos paranás e nas cheias são recortados por vários “furos” que os atravessam. Os moradores locais nos descreveram como paranás “os canais que são formados entre duas ilhas, localizadas no rio principal ou entre uma ilha e o continente.”

Nas margens dos paranás concentram-se a maior parte dos habitantes do município. Segundo o último senso do IBGE, constituem-se de 17.000 pessoas sendo que apenas 700 vivem na sede do município, os outros estão organizados em distritos.

Nossa pesquisa tentou compreender como vivem essas populações que estão espalhados por essas pequenas comunidades que compõe o município e que se perdem aos olhos de quem apenas passa pelo rio. Percebemos que cada um desses “distritos” possui algumas particularidades, pequenas diferenças que se destacam pelas diversas atividades econômicas que possuem e pela forma como se constituem suas histórias.

O Careiro da Várzea tem como atividade econômica a pesca, agricultura e a criação de animais de pequeno porte que se mistura em alguns paranás com a criação de gado leiteiro. As variedades dessas atividades estão diretamente relacionadas com as condições naturais deste lugar; tais como a subida e a descida dos níveis da água, do intenso processo de erosão fluvial e deposição de sedimentos. Segundo CRUZ (1999)

“na várzea do Careiro a dinâmica da natureza faz com que os ribeirinhos façam uso da terra, da água, e da floresta, por meio da prática agrícola,

da criação de pequenos e grandes animais, da pesca, do extrativismo, da coleta, dentre outros, possibilitando tentar suprir as necessidades básicas fundamentais, como mostrar certa flexibilidade nas suas relações com o mercado.”

Em meio a esta dinâmica do lugar e ainda esforçando-se para manter relação com os outros lugares, a população do Careiro em suas comunidades tenta manter uma relação menos nociva com a natureza do lugar.

Ao percorrermos o Careiro por entre os paranás, percebemos que as histórias de seus pequenos lugares possuem particularidades, o acesso a cada um dos distritos se dá de modo diferente, compreendendo a dinâmica do rio, quando o rio baixa os “pequenos” paranás secam, bancos de areia aparecem, ilhas surgem “furos” secam, quando o rio enche, os paranás dão “passagem”, os furos facilitam e diminuem as distâncias, os lagos são “engolidos” pelos maiores. Isto fez com que os moradores criassem formas de circulação que acompanham esta dinâmica, ora andam de canoa, ora de barco, ora de lancha ou barco de linha.

A vegetação presente nesta área se modifica constantemente de acordo com a cheia e a vazante. A Samaumeira e Embaubeira árvores típicas de áreas de várzea são comumente encontradas em alguns dos paranás. A vegetação primária foi em grande parte substituída por árvores frutíferas ou plantações de milho e mandioca, somente para subsistência devido à ausência de incentivos para venda destes produtos em Manaus; também se verifica a presença de pastos para criação de gado, atividade principal das famílias de muitas de suas comunidades.

Percepção e representação: o Careiro da Várzea através do olhar de quem nele vive

Através de relatos dos moradores do Careiro percebemos que a importância do lugar não está restrito a terra, abrange o rio, os perigos do lugar, a relação entre os próprios habitantes, as festas, a religião, a relação com seus mortos, enfim envolve muitos outros fatores que normalmente não são percebidos pelos visitantes no primeiro encontro.

No que concerne ao rio este possui um significado especial para os habitantes do Careiro, como afirma o Sr. Manoel Araújo Lima (Sr. Getúlio) e o professor José Felinto, que pertencem a comunidades distintas:

“O rio pra nós é tudo é de onde vem nosso alimento, é o lugar onde construímos nossas moradias” (Sr. Getúlio – Comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro).

“O rio é como uma estrada pra nós, por aqui é nossa passagem. É mais importante que isso, daqui é que tiramos nosso sustento. É uma fonte de vida”.

Ao longo do Careiro encontramos diferentes tipos de moradias em suas margens a maioria das moradias é flutuante (casas de madeira construídas sobre troncos de árvores). Em alguns terrenos mais altos, as casas de madeira estão construídas em terra. As madeiras que eram apropriadas para a construção de flutuantes, atualmente já se encontram extintas. Moradores como Sr. Edmundo Costa Brito relata que foi a falta de orientação que resultou esta extinção.

“Para construção das casas a madeira mais usada foi o Louro, a Mamori, a Jacareúba, mas liquidaram tudo, agora

só tem Tachi, que dura dez a quinze anos, é madeira fraca, mas para colocar como parede é boa. A Piranheira que serve para fazer o esteio da casa está difícil de encontrar. A Maçaranduba que é forte, tem sido trazida de Terra firme para fazer a balsa, inclusive a Castanheira vem sendo usada para este fim” (Sr. Edmundo Costa Brito – morador da Comunidade São Sebastião).

Os moradores dos flutuantes construíram suas casas adaptadas a situações de cheia e vazante, que lhes permite ficar durante todo o ano em suas casas, próximas às suas terras, e quando não são donos das terras pedem permissão ao proprietário e atracam suas casas onde lhes convêm.

A tranqüilidade e o silêncio deste lugar, segundo seus habitantes é a razão maior de não desejarem outro lugar para morar, as experiências topofóbicas com a cidade fez com que muitos dos que partiram retornassem.

“Aqui vivemos em paz, não há barulho, não falta o peixe pra comer, não há violência, enfim não há razão para sair daqui” (Sr. Carlos Lira da Silva – Comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro).

“Não penso em sair daqui, não vou me acostumar com barulho..” (Sr. Gilson Barbosa – Comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro – Paraná do Careiro).

“Este lugar significa o princípio da minha vida, o meu lar. Não abandonaria meu sossego pra morar na cidade. É o lugar onde construí minha família” (Sra. Francisca da Costa Santos - Comunidade N. Sra. do Perpetuo Socorro – Paraná do Careiro).

Essa pesquisa nos permitiu perceber que

o lugar é mais que um espaço ou uma paisagem, nele está às raízes de seus moradores, a razão da existência deste espaço. Relph (1972.) ao analisar a visão de lugar de Eric Dardel, conclui:

“Lugar significa muito mais que sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas o tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança.”

Nas nossas interpretações sobre o Careiro percebemos um lugar adicionado de fatos que mudaram não somente suas paisagens, mas a vida de seus habitantes, percebemos que o Careiro da Várzea faz sua história numa inter-relação entre seus habitantes e a natureza, onde estes a apreendem levando em conta sua dinâmica e seus mistérios tendo com ela uma relação de topofilia e topofobia. Se queremos fazer uma geografia que se aproxime da realidade dos lugares é mister que nossas interpretações sobre os lugares partam da experiência de quem os vivenciam cotidianamente assim sendo, estaremos diminuindo os riscos de analisar os lugares a partir de nossos “sobrevôos” pelos lugares.

Notas

* Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo; Professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
e-mail: ab.nogueira@uol.com.br.

Trabalho resultado de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo a pesquisa do Estado do Amazonas.

Referência Bibliográfica

DARDEL, Eric, *L'homme et la terre: Nature de la réalité géographique*. Editions du CTHS, Paris, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes. São Paulo, 1996.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista, *Percepção e representação gráfica: a "geograficidade" dos comandantes de embarcações no Amazonas*. Tese de doutorado. Departamento de Geografia. USP. 2001.

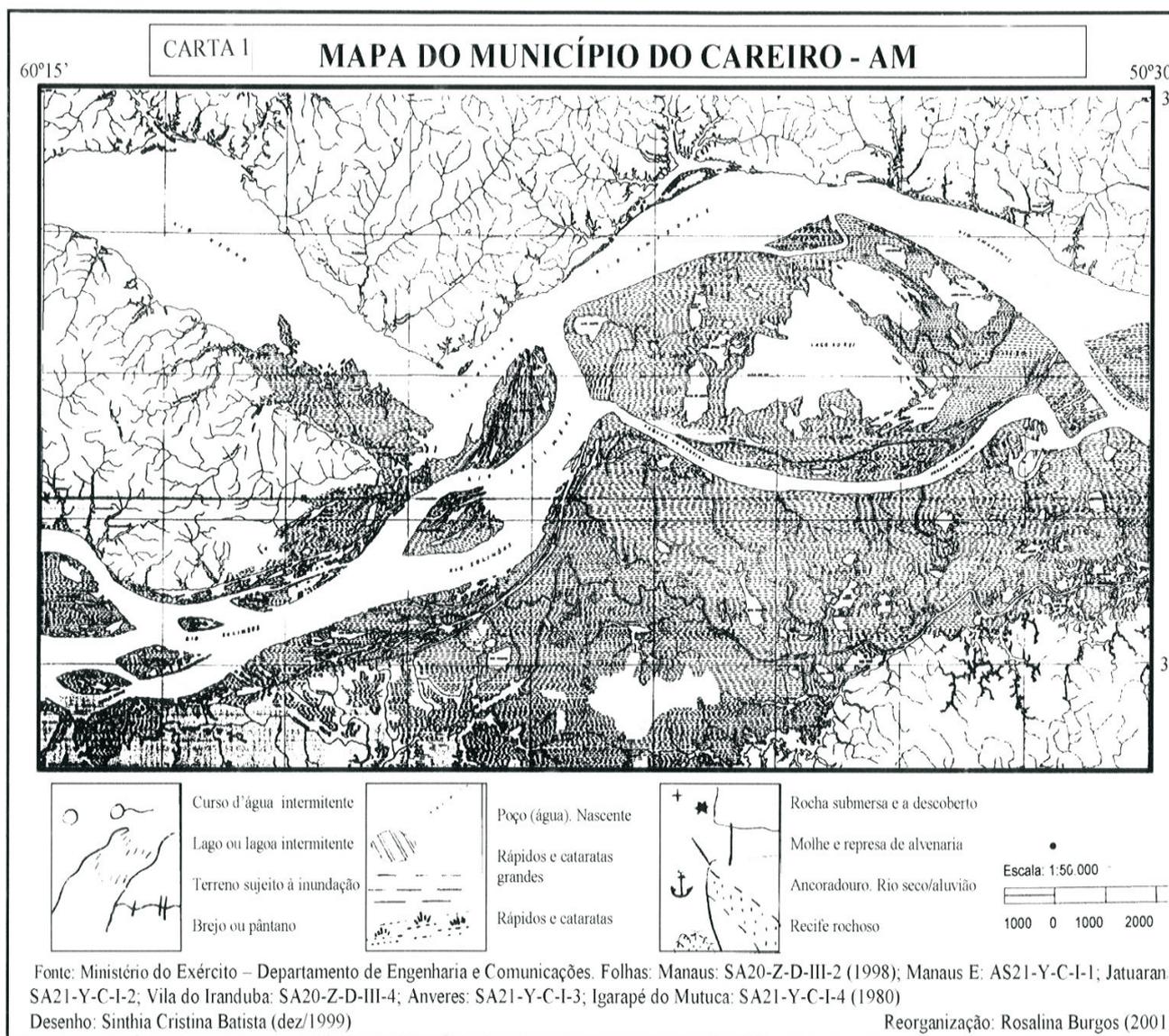
RELPH, Edward C. *As bases fenomenológicas da*

Geografia, 4 (7). Rio Claro, 1979.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly, *A Água e o Homem na Várzea do Careiro*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém. 1998.

ANEXOS

Mapa 01- Município do Careiro da Várzea-AM



**Foto 1- A escada de acesso e Porto da Vila do Careiro-AM
(população improvisa escada de madeira).**



Fotografado por Amélia Nogueira - vazante de 2005.

Foto 02 - Porto da Vila na cheia a escada está submersa.



Fotografado por Amélia Nogueira - junho de 2005.

